

Entre igualdade

Entre igualdade e liberdade nos encontramos sem dúvida. Entre a igualdade que procuramos sem descanso e a liberdade aparentemente conquistada e sempre frágil se encontram todas as mulheres hoje. Esse **estar-entre** é um lugar intermediário no espaço e no tempo: esse estar-entre significa não só uma série de momentos marcados segundo a atualidade pela exigência de igualdade ou pela afirmação da liberdade como também uma divisão espacial entre as democracias ocidentais e as nações onde a guerra torna evidente a perda de liberdade das mulheres.

Recapitemos. A igualdade é, em primeiro lugar, o tema central de um pensamento feminista. Tema compreensível, uma vez que exprime o essencial da utopia feminista: a crítica da dominação masculina e a exigência de um equilíbrio ponto a ponto entre homens e mulheres. A liberdade, portanto, é uma consequência evidente disso. Inversamente, a liberdade das mulheres não traz sempre consigo, logicamente, a igualdade dos sexos. Deixemos de lado por um momento a questão da liberdade, que é ao mesmo tempo o inverso e o complemento do princípio de igualdade.

Ha muito tempo me espanto de que essa palavra - igualdade - não presida, sozinha, o pensamento feminista contemporâneo, que não seja central a própria essência de um movimento. De fato, ela se opõe oficialmente a diferença, o que é ainda mais espantoso. Pois uma formação mínima em filosofia nos ensina que o par de opostos fundamental é o da identidade e da diferença. Podemos ser idênticos ou diferentes, não somos ou iguais ou diferentes. A oposição identidade-diferença é, aliás, rica o bastante para merecer reflexão. Existem duas acepções da palavra identidade: identidade consigo

e liberdade¹

¹ Colóquio Internacional
Mulheres Homens
Identidade Igualdade
Diferença (6-7 de março)

identidade com o outro. Se a identidade sublinha a similitude dos seres ou, em outras palavras, a identidade com o outro, então a diferença toma exatamente o sentido daquilo que não é semelhante, do não-idêntico. E se a identidade significa também a identidade de si e consigo mesmo, então a diferença supõe a demultiplicação (*demultiplication*) de identidades no interior de um mesmo sujeito. Enquanto a identidade pode ser o outro, semelhante ou o sujeito unívoco, a diferença se mantém bem a mostra, como o múltiplo ou a demultiplicação.

Tal é o debate filosófico em que o pensamento feminista pode se inscrever. Debate que alguns e algumas admitem como uma alternativa, uma escolha obrigatória: deve-se representar as mulheres como idênticas ou diferentes dos homens? A essa noção de escolha, mais ou menos necessária, que faz correr muita tinta, prefiro opor a ideia de uma situação aporética. Não compreendo por que é preciso escolher. Ao par de opostos, identidade-diferença, pode-se substituir o termo aporia; a oposição pode-se substituir uma conjunção: somos semelhantes e diferentes dos homens. Mas como essa proposição parece ingenuamente positiva, simplista, talvez insisto sobre as ressonâncias programáticas do termo aporia: não é a ausência de uma saída, a impossibilidade de uma solução, mas a abertura, entre os dois limites, de uma expressão da diferença dos sexos para cada um, para o semelhante e o dissemelhante. A aporia é frutífera como tal, pela abertura que dá, mais do que tira, as representações.

Ao debate filosófico agora lembrado, junta-se, então, em um segundo tempo, o debate político. Assim, procuro explicar a ligação entre os dois termos, igualdade e diferença, seu vínculo e político. Eu teria podido

partir daí sem o desvio pela identidade comentado simplesmente essa oposição de termos a igualdade se oporia a diferença pois supõe-se que esta produza inevitavelmente a desigualdade ao ideal de igualdade se defrontaria o fato da diferença e as desigualdades decorrentes desse fato. Então a igualdade sonhada se opõe a desigualdade incontornável. E se a palavra diferença se superpõe a palavra desigualdade trata-se de uma simplificação política porque o perigo assinala o discurso democrático surge do reconhecimento da diferença dos sexos. A diferença dos sexos induziria inevitavelmente a ideia de hierarquia. Somente a identidade garantiria a igualdade. Assim se compreende essa estranha oposição da igualdade e da diferença que seria a da igualdade e de seu contrário a desigualdade.

O debate feminista portanto cruzou voluntariamente o debate político com a questão filosófica. Esta é a sua originalidade. Desse cruzamento vem a oposição capenga entre o termo político de igualdade e o termo ontológico de diferença. Ao desfazer essa mistura ao desenlaçar as oposições o campo da reflexão ganha tanto em clareza como em precisão há aporia filosófica de um lado e discordância política do outro. Ou ainda a aporia e a promessa de uma discussão sem fim sobre as semelhanças e as diferenças entre os sexos e por meio dessa promessa eis-nos libertadas de um constrangimento ideológico eis-nos também aptas a entrar na história. E a separação da igualdade consigo mesma quando sempre se supõe que a diferença vira fazê-la duvidar da solidez de suas bases essa separação se apaga se a diferença deixa de fazer medo se ela é reconhecida sem que lhe afixemos valores ou crenças. E a igualdade dos sexos retoma então sua função subversiva. A igualdade em si mesma é a nossa questão fundamental.

Aliás existe hoje em política uma palavra que junta na discordância a igualdade e a diferença a palavra paridade. Ela é de fato um substantivo paradoxal quer conquistar o universal em nome da diferença humana primordial a diferença dos sexos. Essa palavra busca o idêntico na diferença quer fabricar o um sem destruir o dois quer o dois real no um simbólico. Essa palavra então carece de evidência da prova de falta de lógica e nossa força poderia ser precisamente reconhecer essa falta de lógica. A palavra paridade me aparece como uma mistura platônica ela conjuga dois movimentos da democracia moderna que nem sempre se harmonizaram o universal dos direitos do homem e a dualidade sexual própria a todas as utopias do século XIX ideia central na tradição utopista e revolucionária desde Fourier e os seguidores de Saint-Simon. Ela conjuga essas duas tradições paralelas e desta forma tornou possível

um fundamento histórico para o movimento pela paridade. Hesitei quanto a um fundamento teórico para a paridade e a história vem oferecer sua ajuda.

Digamos para concluir que proponho a aporia identidade-diferença e a mistura igualdade-diferença.

Pode-se então imaginar talvez a dificuldade que temos para refletir a política da diferença dos sexos no próprio campo da pesquisa. Pois se o debate filosófico se transforma sempre em debate político misturando os termos da reflexão o trabalho de clarificação poderá ser pertinente isto é útil? Porque a mistura é feita por boas e más razões. Por boas razões quando se trata de inventar uma solução concreta inédita uma solução política este seria o caso da paridade conceito que falaria ao mesmo tempo da igualdade e da diferença. E por más razões se quisermos construir um campo de pesquisas próprio constituir o objeto diferença dos sexos. Deixemos de lado o conceito de **gênero** que aos meus olhos introduz de saída na mistura ao se infiltrar na oposição entre o social e o biológico uma outra interpretação (mas aqui não terei tempo de dizer mais do que isso) de igualdade *versus* diferença.

Constituir o objeto **diferença dos sexos** decorre de uma vontade epistemológica a análise das **relações sociais de sexos** a demonstração de uma história sexuada o questionamento a respeito da ausência do filosofema **diferença dos sexos** em suma a variável **sexo** no campo do pensamento deve se tornar tão banal quanto evidente. Mas isso está longe ser realidade. O trabalho conduzido sem descontinuidade há mais de vinte anos exige daqui para a frente mais clareza em suas escolhas. Com efeito a busca tanto quanto a ação política cruzou a igualdade com a diferença isto é a política e a ciência. Certamente construir o campo de pesquisas **diferença dos sexos** nasce de uma vontade política nasce da constatação de que o impensado o reprimido desse objeto no pensamento e na ciência tem uma causa tem causas a da própria sexualidade inclusive e a da dominação masculina sobretudo. Contudo nada é dito ou antes nada é dado com essa constatação de uma política da ciência ou da não-ciência. Pois se a construção desse campo de pesquisa nasce da política ele não voltará a esta isto é e só terá efeitos políticos se a própria ciência obedecer *a priori* a injunções políticas. Não existe ciência feminista politicamente correta ou incorreta existe o risco de um pensamento nascido do político e ao mesmo tempo preocupado com o político. Sem risco de se perder só se fabricam tautologias. O melhor efeito político é precisamente um efeito. Não se deve colocar o político antes ou durante a pesquisa e preciso produzi-lo e produzi-lo com e graças

a ciência E o mais difícil o mais arriscado mas o mais eficaz Não existe pensamento sem desconhecido E o efeito político não será senão o resultado da ciência

Pode-se casar a igualdade com a diferença dos sexos mas ainda e preciso não esquecer que essa é uma decisão epistemológica problemática Limito-me portanto ao campo epistemológico **diferença dos sexos** no qual se pensa a identidade tanto quanto a igualdade a ontologia tanto quanto a política Desligar a igualdade da diferença será feito justamente em benefício desses dois termos

A igualdade está no princípio da reflexão política a diferença dos sexos no princípio do trabalho epistemológico Proponho desligar para melhor religar Assim se a igualdade se condiciona ao político ela não esgota o lugar do político É uma razão suplementar para desunir a diferença da igualdade

A suposta escravidão das mulheres no século XIX opunha-se (simplifico) seja a emancipação termo jurídico seja a liberação termo político A emancipação visava a igualdade de direitos a liberação a igualdade política isto é a liberdade A emancipação supunha a identidade das pessoas homens e mulheres em uma sociedade de direito a liberação supunha o reconhecimento de uma liberdade individual em uma sociedade capaz de suportar as diferenças Nos dois casos o fim da escravidão (no século XIX esse termo atravessa diversos discursos) é a conquista de uma liberdade como a que é representada por Marianne emblema da República francesa A liberdade não pode ser confundida com a igualdade

No par filosófico identidade-diferença a igualdade pode tomar o lugar da identidade diante da diferença Falta acrescentar agora que a liberdade se superpõe eventualmente a diferença Pois é em virtude da diferença das mulheres que a liberdade das mulheres é negada ou contestada

Ter ousado o par igualdade-diferença e prova de um verdadeiro etnocentrismo O paradigma é europeu e anglo-saxão ele é próprio a algumas décadas de abundância As guerras de hoje especialmente as da ex-Iugoslávia e da Argélia vêm nos lembrar que a liberdade das mulheres é uma aposta igualmente essencial Ninguém jamais duvidou vocês diriam Sim mas desde que se compreenda que denunciar os estupros na ex-Iugoslávia e as violências contra as mulheres argelinas implica em troca uma interpelação no próprio campo de nossa reflexão Essas guerras nos fazem lembrar que a liberdade das mulheres não está mais garantida do que a igualdade democrática Teremos sabido pensar a violência e a liberdade?

Dupla aposta no combate das mulheres do século XX a igualdade e a liberdade Falamos sem cessar da

igualdade e contudo a maior conquista do século XX esta no proprio fundamento da liberdade a revolução contraceptiva o direito a dispor de seu corpo que eu qualificaria como um *habeas corpus* A Conferência do Cairo de setembro de 1994 suscitou discursos de catolicos e islamitas nos quais a liberdade da maternidade era descrita como uma ameaça Liberdade incontrolavel Controle necessario consequentemente a mulher e objeto de controle mais que sujeito livre E por isso que antes de ser um ato de igualdade o gesto de Taslima Nasreen e sem duvida a expressão da sua liberdade?

Os debates sobre a igualdade dos sexos devem hoje se reunir as exigências da liberdade das mulheres Possivelmente esta sera a nossa proxima urgência Se as mulheres ganham em liberdade no século XX isso não agrada a todo mundo É por isso que a violência se substitui ou se superpõe aos mecanismos desiguais Da recusa a maternidade livre a necessidade de usar o *veu islâmico* das proibições familiares ou profissionais aos perigos da purificação étnica as mulheres perdem hoje em liberdade

Assim as apostas da democracia balançam A ameaça sobre a liberdade torna-se no momento mais grave que as faltas de igualdade Não digo com isso que se deva abandonar uma frente de batalha por outra trata-se simplesmente de definir as urgências para os tempos vindouros Ha faltas de igualdade imperfeições crônicas entorses permanentes do universal democrático a isso se chama discriminação Ha outros atentados a liberdade das mulheres manutenção de seu controle fisico e social a isso se chama violência A discriminação desmente o principio de igualdade baseado na identidade dos seres a violência desmente o principio da liberdade em nome da diferença dos seres

A questão da liberdade se coloca em tempo de guerra a questão da igualdade em tempo de paz As guerras hoje também são feitas com a guerra dos sexos Seria importante refletir sobre essa expressão **guerra dos sexos** Teriamos tendência a pensar que ela designa a infrapolitica da nossa questão que a democracia permitiu justamente pensar em termos politicos a relação e o conflito entre homens e mulheres essa guerra imemorial Onde a importância do principio de igualdade que deu a essa guerra dos sexos um espaço politico de debate Ora a guerra em si nos leva a guerra dos sexos as guerras de hoje utilizam a guerra dos sexos se fazem com a guerra dos sexos Não e sem duvida o caso de todas as guerras mas e exatamente o caso que vivemos hoje Isso significa duas coisas que se a guerra na qual se inscreve a guerra dos sexos ameaça as mulheres em sua liberdade e porque ela as atinge em seus corpos toda

² A exemplo de Shalman Rushdie Taslima Nasreen se insurgiu contra o islamismo em Bangladesh Médica e escritora seus livros romances e ensaios denunciam a opressão das mulheres Ela encontra se refugiada na Suecia

guerra atinge o individuo homem ou mulher em seu corpo. Para as mulheres, entretanto, o atentado ao corpo e com mais frequência atentado ao sexo. A liberdade das mulheres está acreditada sempre ligada à existência de seus corpos, assim como a sua evidente diferença sexual. A igualdade dos sexos remete mais à nossa razão, à identidade da razão humana entre homens e mulheres. A liberdade das mulheres designa a incontornável diferença.

Nos nos batiamos pela igualdade e durante esse tempo as guerras nos levaram a liberdade. Nós pensávamos a igualdade do cidadão-cidadã idênticos um ao outro por sua razão comum e durante esse tempo ataques e ameaças à liberdade das mulheres lembravam que não se apagaria a diferença dos sexos, a diferença dos corpos. Nós discutimos paridade política o mais longe possível da guerra dos sexos.

A paridade quer a paz dos sexos pelo direito, quer abranger a diferença sob a identidade. Última etapa da longa marcha das mulheres em direção a uma democracia concretamente (muito mais que completamente) universal. Esse desejo de igualdade, por mais louvável que seja, não consegue ser pensado com a liberdade das mulheres. Esta liberdade me parece como um lembrete permanente da fragilidade das conquistas da igualdade. Falo da guerra e de países diferentes do nosso, mas a liberdade deve ser discutida também em tempos de paz, no espaço econômico, por exemplo. A atualidade nos traz o risco de chegarmos aí bem depressa.

Concluiria dizendo que é possível esquecer a diferença dos sexos para fabricar a igualdade, mas que a liberdade das mulheres nos dá sempre a imagem de uma incontornável diferença.

E penso para terminar, nesses dois textos que aos meus olhos repercutem da aurora do Ocidente ao crepúsculo de nosso tempo, o Livro V da *Republica* de Platão, onde a igualdade dos sexos é pensada na passagem de limite que é a guarda da cidade, e *Três Guineus* de Virginia Woolf, onde a questão recorrente é saber como as mulheres podem impedir a guerra. Para um discutir a igualdade dos sexos, leva a imaginar a mulher em armas. Eu dizia que é uma passagem de limite, a igualdade implica a neutralização da diferença física, mas que política, mesmo se o texto de Platão estabelece uma diferença de grau na força física entre homem e mulher. O cidadão e antes de tudo o guardião da cidade. Imaginária passagem de limite, durante a Revolução Francesa fecham-se os clubes de mulheres ao mesmo tempo que se publica um decreto proibindo-as de fazer a guerra. A mulher em armas como imagem extrema da igualdade?

Visão masculina visão imaginária a mais distante possível do olhar de Virginia Woolf que responde a seu correspondente fictício em *Três Guineus* as mulheres so poderão acabar com a guerra graças a uma igualdade fundamental a da educação do saber da autonomia econômica Ela não pede que se faça a guerra este não e seu ideal de igualdade Ela procura responder a um homem que lhe pergunta como impedir a guerra Sua história e a história das mulheres pesam então com todo o seu peso A história das mulheres faz da diferença dos sexos um fato de história Virginia Woolf não assinara o manifesto a favor dos grandes princípios de Justiça Igualdade Liberdade ela enviara aos autores do manifesto o terceiro e último guineu porque os objetivos deles do homem e da mulher são exatamente os mesmos impedir a guerra Última imagem da igualdade imagem de uma identidade dos seres humanos construída com a diferença entre eles

TRADUÇÃO DE MARIA IGNEZ DUQUE ESTRADA